



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos jornais turcos Sabah, Hurriyet e Zaman
Istambul-Turquia, 21 de maio de 2009**

Jornalista: (inglês) Eu sei que no Brasil o senhor é conhecido por ajudar os pobres, por incentivar as pessoas a estudar, dar dinheiro para comunidades pobres (incompreensível) Como isso afeta sua maneira de fazer acordos de comércio?

Presidente: Primeiro, eu acho que é importante dizer que há muito tempo eu estou (incompreensível) fazer uma visita oficial à Turquia. Primeiro nós recebemos o atual Presidente – que era primeiro-ministro – no Brasil, em 2006. Depois, o ministro Celso Amorim veio à Turquia. Nós criamos uma comissão... Como se chama a Comissão, Celso?

Ministro Celso Amorim: Comissão de Temas Econômicos.

Presidente: ...em 1995, mas ela não se reuniu até agora. Nós queremos ver se este ano esta comissão se reúne. O último mandatário brasileiro que esteve na Turquia foi o imperador Dom Pedro II, em 1875, ainda na época do Império Otomano. É descabido que um país da importância da Turquia e da importância do Brasil não tenham um relacionamento mais forte.

Quando nós tomamos posse em 2003, nós decidimos que era possível a gente ter uma mudança na geografia comercial do mundo. Não era normal que os países emergentes ficassem esperando apenas pelas atitudes americanas ou apenas pelas atitudes europeias. Era preciso procurar outros países e estender a possibilidade de fazer relações comerciais com outros países.

A primeira coisa que nós fizemos foi fortalecer a nossa relação com o



Mercosul e com a América do Sul. Depois, fortalecer a nossa relação com a África. Eu já visitei 21 países africanos desde que tomei posse. Depois, fortalecer a nossa relação com os países árabes e com o mundo asiático. Isso, sem diminuir a nossa relação com os Estados Unidos e com a União Europeia. Isso possibilitou que nós saltássemos de US\$ 60 bilhões de exportação para US\$ 200 bilhões. É muita coisa em pouco tempo.

O que foi importante? É que você tem uma relação totalmente diversificada. Nós, hoje, não dependemos de um único bloco. Nós temos uma relação comercial muito espalhada no mundo inteiro. Obviamente que isso tem a ver com a nossa política social, porque quanto mais o Brasil exportar, mais o Brasil vai ter que produzir; quanto mais o Brasil produzir, mais vai gerar emprego; quanto mais empregos gerarmos, mais vamos distribuir renda. Essa é a lógica natural do processo de desenvolvimento.

Além disso, nós tomamos decisões para cuidar da parte pobre da população, colocando como prioridade... Nós criamos o programa Fome Zero e, dentro do Fome Zero, criamos o Bolsa Família, onde nós já tivemos 11 milhões de famílias. Nós criamos o programa Luz para Todos, levando energia de graça aos mais distantes rincões da Amazônia. Já atendemos 10 milhões de pessoas. Nós aumentamos o salário mínimo, já temos 57% de aumento real. Nós, hoje, aumentamos a aposentadoria para as pessoas que nunca trabalharam ou para as pessoas com deficiência. Nós temos uma política de reforma agrária. Já assentamos 501 mil famílias, já desapropriamos 45 milhões de hectares de terras.

Agora, temos uma política de financiamento para a agricultura familiar, de R\$ 25 bilhões, ou seja, US\$ 12,5 bilhões, para financiar 100 mil tratores e 300 mil máquinas agrícolas. Agora criamos um programa, que eu acho o programa mais extraordinário, de política social. Criamos um programa chamado Territórios da Cidadania. Nós pegamos os dois mil municípios mais pobres do Brasil e os dividimos em grupos de 120 territórios. Cada território



tem um conjunto de cidades. As mais pobres têm uma cidade-sede e nós atuamos com políticas públicas de todos os ministros – Educação, Saúde, Agricultura – e quem coordena é a própria comunidade. Cada município tem uma coordenação da comunidade, e isso tem sido um sucesso extraordinário.

O que eu posso dizer? É que se todos os governantes do mundo tiverem como prioridade a parte mais pobre da população, eu poderia dizer para vocês: a coisa mais barata do mundo é cuidar dos pobres, a mais difícil é cuidar dos ricos. Um rico, quando entra no meu gabinete, ele quer 1 bilhão emprestado. Um pobre quer pouca coisa: ele quer comer, ele quer estudar e ele quer morar. Nesses sete anos, nós criamos 14 universidades federais novas, 98 campi avançados e 214 escolas técnicas. Só para vocês terem ideia, em cem anos, no Brasil, foram feitas 140 escolas técnicas. Em oito anos, nós vamos fazer 214 [escolas técnicas].

Intérprete: Temos um sistema de nacional treinamento vocacional no Brasil, como na Alemanha.

Jornalista: (inglês) Minha pergunta será sobre a economia brasileira. (incompreensível) e a Turquia são vista como áreas (incompreensível) mercados emergentes que não previram uma contração da sua economia em 2009 mas mudaram suas metas (incompreensível).

Presidente: Deixe-me contar uma coisa. O Brasil não vai crescer como a gente previa que iria crescer. Nós estávamos trabalhando para ter um crescimento de 5% a 6%, de forma contínua, durante muitos anos. Essa crise econômica nos trouxe um problema, que foi o problema do crédito. O que aconteceu no Brasil? Nós tínhamos 30% do crédito brasileiro tomado no exterior por grandes empresas. Na hora em que o crédito no exterior desapareceu, essas empresas se voltaram para o mercado interno para tomar dinheiro emprestado. Aí você



teve uma demanda maior do que a oferta.

O que aconteceu? O que aconteceu, de fato? O *spread* bancário aumentou e os bancos ficaram mais seletivos. Não tinha dinheiro para todo mundo, e quem mais sofreu foi a micro e pequena empresa. Por exemplo, a Petrobras é uma grande empresa, e foi tomar dinheiro emprestado em um banco público brasileiro. Obviamente, o banco prefere emprestar para a Petrobras do que emprestar para uma micro empresa. Então, começou a faltar dinheiro para as pequenas empresas. Os bancos menores começaram a ter dificuldade de pegar dinheiro no interbancário. Então, nós tivemos que tomar duas atitudes: nós tivemos que comprar alguns bancos, ou seja, os bancos públicos brasileiros compraram alguns bancos, e nós criamos crédito para os pequenos bancos voltarem a ter acesso a financiamento para empréstimos.

Hoje, nós tivemos... Primeiro, nós tivemos um problema muito sério em outubro, novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, sobretudo quando quebrou o Lehman Brothers. No Brasil também aconteceu uma coisa: alguns grandes empresários resolveram fazer também o seu ajuste próprio. Eu vou dar um exemplo. A indústria automobilística tinha 360 mil carros estocados. Ela aproveitou a crise para dispensar alguns trabalhadores, dar férias coletivas para outros e desovar o seu estoque. Isso nos causou um problema sério. Depois, o pânico na sociedade. Não sei como foi aqui na Turquia, mas se criou um pânico, ou seja, só se falava em crise, (incompreensível) e só apareciam os Estados Unidos, a Europa, banco quebrando e...

Eu fui à televisão fazer um pronunciamento para pedir ao povo brasileiro continuar comprando, porque se ele parasse de comprar para não fazer dívidas, com medo de perder o emprego, ele iria perder o emprego exatamente porque parou de comprar. A economia parou de girar. Então, nós não vamos ter o crescimento que a gente previu. Nós vamos ter um crescimento menor, nós estamos trabalhando hoje... Eu não gosto de citar números porque toda vez que um presidente cita números, aparece como se fosse a verdade



absoluta, mas eu acho que nós vamos crescer menos do que estava previsto, mas não vamos ter recessão. Posso dizer para vocês hoje, que vários setores da economia brasileira já começaram a se recuperar. Nós tínhamos um programa de desenvolvimento de US\$ 304 bilhões para investir em rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, e esse programa começou antes da crise, ele começou em janeiro de 2007, e agora é que ele está em franco vapor. Porque uma obra pública, entre você pensar em fazer e contratá-la, demora às vezes dois anos. Então, agora é que esses US\$ 304 bilhões estão fluindo, gerando empregos na construção civil.

Anunciamos um programa habitacional de um milhão de casas, para gerar empregos e ajudar a reativar a economia. A indústria automobilística já se recuperou. Nós isentamos impostos de geladeira, fogão, máquina de lavar roupa, carro, tiramos vários impostos das casas, liberamos de impostos o material de construção civil, e eu acho que o Brasil já vai dar sinais muito fortes de recuperação durante todo o ano de 2009, e vamos entrar em 2010 com uma situação bem melhor.

Agora, obviamente, que eu continuo rezando pelo Obama, pela União Europeia, porque é preciso recuperar a economia americana e a economia europeia. Recuperando a economia americana e a europeia, facilita a vida da Turquia, facilita a vida do Brasil, facilita a vida da China, facilita a vida da Índia, e a economia mundial volta a girar.

Ministro Celso Amorim: (inaudível)

Presidente: O Celso está lembrando uma coisa importante: como no Brasil nós temos uma forte política social, que vai do crédito consignado para as pessoas que ganham menos, até os benefícios do Bolsa Família, a sociedade, a parte pobre da população, o comércio de alimentos, o comércio de varejo, não sofreu nenhum problema com a crise até agora.



Jornalista: Senhor Presidente, o senhor dá um excelente exemplo de relacionamento com o FMI. O senhor pagou suas dívidas com o FMI. (incompreensível) e a Turquia tem uma nova negociação com o FMI agora. O senhor tem alguma recomendação para fazer para a Turquia em termos de relacionamento com o FMI? Em que áreas o senhor pretende colaborar com a Turquia também?

Presidente: Olha, deixa eu lhe dizer uma coisa: primeiro, foi um dos prazeres da minha vida o dia em que eu liguei para o presidente do FMI dizendo para ele que eu queria devolver o dinheiro dele. Ele: não, não. Eu [dizendo] que não queria mais o dinheiro dele. Ele não queria que eu devolvesse: “Não, Presidente, pode ficar aí”. Eu falei: não. Nós queremos devolver o dinheiro.

Eu não acho ruim que um país que tem alguma dificuldade tome dinheiro emprestado do FMI. Foi para isso que ele fosse criado. O que não pode é, porque emprestou dinheiro, o FMI impor condições do tipo de ajuste fiscal que o país tem que fazer, do tipo de política monetária. Não é possível. Então, o FMI tem que emprestar dinheiro e não pode ter nenhuma exigência.

Eu acho que as negociações, agora, com o FMI serão muito mais fáceis do que eram dez anos atrás.

Ministro Celso Amorim: Graças à ação do G-20, foram criadas linhas mais flexíveis.

Presidente: O G-20 criou as condições de o FMI emprestar dinheiro sem condicionalidades. Esse é um fato novo. Portanto, eu acho que a Turquia não terá muita dificuldade de negociar com o FMI. Os dirigentes dos anos 80 eram muito subservientes, ou seja, se deixavam mandar pelo FMI. Eu espero que a Turquia tenha sucesso na negociação.



Jornalista: Em que áreas o senhor planeja colaborar com a Turquia?

Presidente: Esta minha viagem à Turquia está dentro de uma estratégia de estabelecer contato não apenas na área governamental, mas na área empresarial. O fato de a Petrobras estar investindo aqui na Turquia para explorar petróleo no Mar Negro é uma grande oportunidade para a Turquia, porque a Petrobras é a empresa que detém a mais extraordinária tecnologia de prospecção em águas profundas. Agora, no Brasil, nós começamos a explorar o pré-sal. É um petróleo que está a 6.500 metros de profundidade, e começamos a explorar no dia 1º de maio. Tiramos o primeiro barril de petróleo de 6 mil metros de profundidade. Então, eu acho que essa é uma contribuição extraordinária entre Brasil e Turquia.

Nós estamos trabalhando no projeto da construção de um avião de carga para substituir o Hércules. O próprio ministro Celso Amorim já estabeleceu contatos, e gostaria que a Turquia participasse do processo junto à nossa empresa Embraer, que produz aviões. Nós temos condições de contribuir com a Turquia em novas tecnologias na área energética, sobretudo na área do etanol e na área do biodiesel, que servem para gerar empregos e melhorar a vida das pessoas.

Nós temos condições de discutir a construção de parcerias entre empresas turcas e empresas brasileiras. Normalmente, todos os países querem vender mais do que comprar. Todo mundo quer ter superávit comercial, mas nem sempre isso é possível.

Então, é importante que a gente trabalhe para que nenhum país tenha um déficit exorbitante com relação a (incompreensível). Por isso que eu vim aqui, para conversar com os empresários brasileiros e turcos, para que eles possam construir parcerias. Por exemplo, a questão do turismo. Qualquer brasileiro que vier a Istambul vai ficar fascinado. Agora, também nós queremos



que vocês conheçam o Rio. Você conhece Copacabana?

Jornalista: Eu conheço.

Presidente: Ele já conhece. Então, é importante. Quando os nossos povos começarem a transitar entre os dois países, isso facilita o comércio, facilita os investimentos nos dois países. Depois, quando Deus fez a Turquia, a colocou em um lugar estratégico. Eu estou aqui na Europa e vendo o continente asiático aqui do outro lado. Então, eu acho isso extraordinário. O potencial do Brasil e da Turquia, dois países grandes – a Turquia com 80 milhões de habitantes, o Brasil com 190 milhões de habitantes –, dois países emergentes com muitas coisas para serem construídas, então, vamos construir juntos.

Jornalista: (inglês)

Presidente: (falha na gravação). Depois, é o seguinte, falemos de futebol. Eu só não quero que a Turquia tenha a seleção que ela tinha em 1954, que era muito boa. Ah, 2002. Era a Hungria em 1954. O Zico foi um bom técnico aqui, não?

Jornalista: Foi, sim.

Presidente: E o Alex é o melhor jogador de bola aqui?

Assessor: É, sem dúvida.

Presidente: Mas o Alex já era muito bom no Brasil.

Jornalista : O senhor viu a partida de ontem?



Presidente: Não. Ontem era para eu ter ido com o Primeiro-Ministro, mas eu cheguei muito cansado da China.

Assessor: Três gols foram de brasileiros. Terminou 2X1.

Presidente: 2X1. (incompreensível) da Ucrânia.

Assessor: Três gols foram de brasileiros.

Jornalista: O motorista de táxi fez um pedido para mim. Ele disse: “Diga ao Presidente para enviar mais jogadores brasileiros para cá”. O que eu digo para o motorista de táxi?

Presidente: Diga que vão vir mais jogadores. No Brasil tem uma situação delicada. O Brasil, durante todo o século XX, era o país onde se praticava o melhor futebol do mundo. Mas hoje não é mais assim, porque os melhores jogadores brasileiros estão no exterior. Eles vêm para cá com 18 anos e voltam com 30 [anos], ou seja, os melhores anos da carreira deles... Veja, o Ronaldão foi para a Europa com 17 anos e voltou com 32 [anos]. Então, nenhum brasileiro viu o Ronaldo jogar no Brasil. O Kaká, a mesma coisa. Então, eles vêm muito jovens para cá, ganham muito dinheiro...

Ministro Celso Amorim: Tem um que se naturalizou turco, que joga na Seleção turca: Aurélio.

(\$31DGJMQ)